

**Centro de Estudos Psicanalíticos**

**CEP**

# **Inveja**

**Allan Ricardo Ferreira Chavarelli**

**Ciclo II. Quinta-Manhã**

# Inveja

“Toda a ordem das coisas me enche de uma sensação de angústia, desde o mosquito até os mistérios da encarnação; tudo me é inteiramente ininteligível, em especial minha própria pessoa. Grande, e sem limites, é a minha tristeza. Ninguém sabe disso, exceto Deus no céu, e Ele não pode ter pena.”

Sören Kierkegaard

As impressões que me encheram de curiosidade e suspeita, desde minhas aproximações iniciais acerca da psicanálise, cristalizaram-se numa percepção cada vez mais aguçada de que o tema de que tratarei a seguir fosse, ainda que de algum modo demasiado nebuloso e misterioso, de extrema importância para o arcabouço teórico psicanalítico e sua prática clínica.

A começar por minha própria análise cujo início precede minhas leituras científicas, assisti correr um rio caudaloso perenemente alimentado por intrusos tributários que teimavam em redundar em algo que mais se assemelhava ora a um faz-desfaz de fantasias destrutivas ora a uma análise dos ataques agressivos e invejosos a um ente invisível, quase sempre presentificado em cada sessão analítica.

Aqui, percorro a trajetória conceitual cujo trajeto revelou ter sido menos aleatório do que sobredeterminado por leis sujeitas a uma minuciosa decodificação pelo saber psicanalítico, ainda que disposto modestamente neste artigo, acerca de uma das operações infantis de um ego prematuro, a saber, a inveja.

Buscarei tratar assim das noções sobre o conceito de inveja em Freud e Melanie Klein e como tais conceitos contribuem para a elaboração das frustrações arcaicas estendendo-se até as mudanças nas experiências e nas relações adultas.

De tonalidade difusa e não raro projetiva a inveja, o afeto invejoso e o impulso invejoso tingem com suas nuances agressivas outros afetos tais como cobiça, ciúme e voracidade. As quatro referências a que alude Freud quanto à inveja, salvo aquela do pênis na qual logo nos reteremos mais detidamente, organizam-se deste modo: inveja frente aos irmãos (pela perda do amor exclusivo dos pais), a inveja pela juventude perdida (do progenitor em relação aos filhos), inveja de quem rompe um tabu (desejo albergado por todos os demais membros do grupo) e, por fim, a inveja do rei (por fruir de privilégios).

Dito isso, inferimos com seus comentadores que a inveja é aquele sentimento (zangado) que surge em A quando B demonstra desfrutar algo que seja capaz de circular entre os sujeitos; ainda que seja perecível e frágil, pois mesmo sem garantias de que o bem invejado perdurará a apropriação por outrem, este impulso terá por alvo privar o outro daquilo que gratifica.

Na expropriação do atributo que faz outro fruir de algo desejável não é levado em conta a possibilidade de destruição deste bem, revelando por um lado a hostilidade ao detentor do privilégio e por outro o desejo de arrancá-lo do possuidor.

Nas palavras de Mezan : “A inveja é, então, o sentimento que surge em A quando B possui algo que preenche três condições: ser de sua posse exclusiva, proporcionar uma gratificação excepcional que não pode ser partilhada e, curiosamente, ser transitório ou perecível.” Acrescendo-se a isso sua contrapartida o mau-olhado, como sendo o temor do revide do afeto invejoso, ou seja, quem inveja pressente a intenção secreta de prejudicar na situação inversa.

Já a questão da inveja do pênis, mais especificamente e fortemente grifada por Freud, imbrica-se naquela do narcisismo já que a descoberta da ausência do pênis na menina é sentida como algo da ordem do traumático, ou seja, esta descoberta faz perfurar uma ferida narcísica. Recordemos ainda que a lógica da castração opera somente e exclusivamente com um atributo positivo (o pênis). Órgão importante por sua visibilidade e cuja falta fará a menina sentir-se incompleta, por conseguinte irá culpar a mãe e que, por fim, a lançará na direção de uma elaboração possível (a recusa da falta, o complexo de masculinidade, ou a feminilidade psíquica). Para Freud o reconhecimento da diferença sexual anatômica provoca um afastamento da masculinidade e masturbação masculina, fazendo a libido deslizar na equação pênis=bebê.

Interessa-nos, neste âmbito, a associação do complexo de castração à esfera narcísica que a partir daí ditará o jogo fazendo com que a inveja do pênis desemboque em um número de consequências tanto para meninas quanto para os meninos e que irredutivelmente culminará na etapa posterior dos processos identificatórios assim que constatada a descoberta anatômica dos sexos. Vejamos isso mais de perto.

Neste mesmo artigo Mezan toca na relação estreita entre complexo de castração e a ferida narcísica aberta por ele. Entendamos como isso ocorre: a profunda ferida narcísica imposta à menina no confronto com a ausência do pênis e, não só a ela como também ao menino por medo de perder o seu, desemboca no enfrentamento com o medo de perder algo tão precioso frente a um oponente mais poderoso (o pai) no caso do menino, e a recriminação à mãe no caso da menina.

O narcisismo, qual seja, aquilo que se delineia como algo da ordem da unidade e totalidade, encontra-se ameaçado em sua integralidade frente aos ataques e investidas da própria excitação sexual da qual a criança é sujeito e objeto simultaneamente. Invaso por angústia e ansiedade, acometido por um incessante afluxo de sensações e refluxos pulsionais, assistimos ao ego inexperiente lançar mão de medidas defensivas, ainda que rudimentares, para dar conta do enredo pulsional único de cada novo ser.

Interpretado como angústia (de desestruturação e aniquilamento por perda de limites), esta invasão é percebida como algo da ordem do insuportável pela própria prematuridade psíquica do bebê de lidar com aquilo com o qual é impossibilitado de lidar. Nesta encenação sem ensaio, a onipotência infantil ofereceria um estado de autossuficiência que, tal como mágica, faria desaparecer com toda e qualquer falta (correndo o risco de indistinção), ou mesmo a inexistência do sujeito, donde não seria mais necessário desejar. Neste caso a inveja perpetraria uma tentativa de reedição desta onipotência malograda restaurando parcialmente a unidade (homeostase) perdida.

Os objetos parciais capazes de suplência, ainda que temporária e mediada, serviriam de suportes para inveja pela sua capacidade de ofertar gozo infinito. Desse modo, a inveja funcionaria como mediador entre a dura e quase insuportável realidade deitada diante de um ser ainda incapaz de lidar com um afluxo de sensações e sentimentos fazendo uso de alguns tipos de defesa (cisão, idealização, negação) para lograr o atravessamento desta fase de ameaças e ataques difusos ora internos ora externos.

Dentro destas operações a idealização, em especial, promete restaurar a perfeição e completude originárias do sujeito, desliza para o objeto parcial (seio, pênis) toda a capacidade de gozo infinito e inesgotável esvaziando o sujeito invejoso, não infrequente, traduzido em sentimento de inferioridade. A inveja seria assim a prova de uma perda inelutável, ou melhor, uma evidência do luto impossível frente a maior derrocada de todas, a saber, a perda da onipotência infantil.

Ainda, o autor fala daquilo em que a inveja difere do desejo. Este deseja aquilo que é desejado por outrem enquanto a inveja revela-se no impulso em direção a tomar e destruir o que o outro possui. Aprofundemos isso com Melanie Klein.

II

Para Melanie Klein o bebê realiza duas operações defensivas no ato do desmame ou perda do seio. Violentos ataques ao seio que a frustrou ao mesmo tempo em que o interioriza para que não volte a perdê-lo. O que fica

interiorizado (a imago materna) apresenta-se desse modo danificada e, por conseguinte vingativa posto que a fantasia de retaliação lhe é proporcional. Fruto deste estratagema fantasmático o corpo passa a sofrer ataques agora desde dentro numa situação de angústia fundamental. Depreende-se disso que a reação à privação do seio materno desencadeia uma série de fantasias agressivas no bebê que pela lógica kleiniana faz do objeto frustrador um inimigo terrorífico e perseguidor cuja vingança pelo ataque primordial o mutilará por dentro.

O Édipo arcaico Kleiniano catapulta o móbile da busca por novos objetos num incessante movimento de projeção e introjeção (perda e recuperação) internalizando assim seus objetos, sem contudo, desvencilhar-se do elemento de frustração. Em seu estudo dedicado á inveja, Klein vincula a inveja às pulsões agressivas, sofisticando a correlação ódio-objeto mau e amor-objeto bom. Vejamos como isso se desenrola.

O seio não é apenas o objeto primário da libido oral, mas carrega consigo significações do amor, carinho, calor, nutrição, abundância e vida. O aporte que o seio oferece (ato de aleitar, olhar, toque) recria a conexão intrauterina possível incrementando a capacidade do bebê de aceitar o que lhe é ofertado, ou seja, nutrição e amor.

Desse modo, reina a fantasia de que este seio exterior a ele, de fonte inexaurível e inesgotável, lhe dará tudo o que ele deseja e necessita embora ele nunca possa ser um substituto da completude pré-natal. Nisso revela-se a necessidade de provas constantes de amor materno, que em última instância

livraria o bebê de sua ansiedade persecutória, ataques internos e angústia de aniquilação.

Pois bem. Klein distingue então a frustração da privação ao seio. Sendo que a privação seria aquilo que atestaria um sumiço deste seio sem deixar pistas enquanto a frustração vincula-se a crença peremptória de que o seio, enquanto dispensador de todas as gratificações, estaria deliberadamente privando o bebê daquilo que lhe é devido, ou seja, despojando-lhe de algo precioso.

A sequência que, segundo Mezan, se desenha é a seguinte: "... a falta gera ódio, o ódio gera fantasias de agressão, e o temor do revide por parte do objeto agredido gera angústia persecutória." Dito de outro modo, a angústia que brota dos impulsos destrutivos alimenta a ameaça de aniquilamento, desde dentro, em sua relação com a mãe. Podemos então compreender a inveja como expressão que se origina na relação exclusiva com a mãe, sendo seu objeto primário a fonte inesgotável e inatingível de nutrição e amor que é o seio idealizado pelo bebê não importando se é adequadamente amamentado ou não, fica claro que o que permanece invejável parece ser o dom inacessível e inatingível da facilidade como o seio dispensa e oferta coisas "boas" que por conta da desmesura da exigência infantil sempre permanecerá insuficiente.

A absoluta extinção de todas as fontes de angústia e desconforto sendo desde sempre impossível parece justificar a raiva da imaginação infantil diante da ninharia que lhe é oferecida. Desse modo, esclarece-se que o que a inveja não pode suportar seja a facilidade intolerável de que algo fora dela retenha o que é seu de direito.

Parece-nos ainda que no caso em que a inveja revela-se excessiva pode haver um prolongamento da cisão entre o bom e o mau seio impedindo a instalação do objeto total satisfatório. Fica entendido na obra de Klein que a instalação e subsequente posse estável do bom objeto funcionam como a prerrogativa daquilo que forneceria a base para a saúde mental do sujeito dotado de forte capacidade de amar e sentir gratidão culminando naquilo formaria uma personalidade adulta plenamente desenvolvida e integrada.

A experiência de depressão e culpa avaliza o desejo de poupar o objeto amado, limita a inveja, elevando a capacidade de reparar e relacionar com objetos totais. Não só isso, a capacidade de recuperar as partes excindidas do ego e integrá-las torna possível elaborar e vivenciar a culpa e sentimentos de responsabilidade.

Dentro da perspectiva desses autores sobre a inveja, esclarece-se o modo como o insight ganho no processo de integração possibilita ao paciente recuperar as partes excindidas de sua personalidade, permitindo que os sentimentos de amor e ódio que permaneceram cindidos possam ser reunidos, tornados toleráveis com a subsequente derrocada da ansiedade e ameaça de aniquilamento. O que é restituído ao sujeito é a capacidade de reparar que está diretamente ligada à recuperação da capacidade de criar, transitar mais livremente e viver melhor. Desse modo, a alternância entre a esperança e os estados depressivos passa a ser vivenciada com maior serenidade.

## Referências Bibliográficas

MEZAN, Renato.: A Vingança da Esfinge. Ensaios Psicanalíticos. São Paulo. Casa do Psicólogo. 2002

KLEIN, Melanie.: Inveja e Gratidão. Algumas Conclusões Teóricas.  
Obras Completas Volume III. Imago. 2006

SCHONTAG, Mariana.: Apresentação Seletiva e Fiel das Ideias de  
Melanie Klein. Fevereiro. 2014

FREUD, Sigmund. Obras Completas